

UM OLHAR MULTIFACETADO PARA O ENVELHECIMENTO E PARA A VELHICE NA CONTEMPORANEIDADE

A Multifaceted View of Ag(e)ing and Old Age in Contemporary Times

DOI: 10.14393/LL63-v41-2025-1

Carla Nunes Vieira Tavares*

Larissa Picinato Mazuchelli**

Marcus Vinicius Borges Oliveira***

RESUMO: Apesar dos avanços nos estudos sobre envelhecimento e da diversidade teórica e da heterogeneidade das experiências de envelhecer, ainda persistem em nossa sociedade a objetivação das pessoas idosas, a indiferença diante de seus direitos e a desumanização de seus corpos. Esta seção temática busca ampliar o espaço de reflexão e debate acerca do envelhecer, compreendendo que a discursivização de determinado tema (des)constrói o campo de sentidos em torno dele. Desse modo, entendem-se o envelhecimento e a velhice como processos em devir, atravessados e constituídos pela alteridade. O artigo de apresentação defende a importância de abordar essa questão a partir de uma perspectiva multifacetada, transdisciplinar e crítica, capaz de valorizar as singularidades do envelhecimento, evitar simplificações e estimular o diálogo. Assim, pretende-se fomentar a construção de aproximações e distanciamentos entre diferentes campos epistemológicos, considerando a heterogeneidade da produção científica brasileira, a fim de ampliar a lente pela qual se comprehende o envelhecer na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento. Velhice. Alteridade. Discursos. Transdisciplinaridade.

ABSTRACT: Despite advances in ag(e)ing studies and the theoretical diversity and heterogeneity of ag(e)ing experiences, our society still faces the objectification of elderly people, indifference to their rights, and the dehumanization of their bodies. This thematic section seeks to broaden the space for reflection and debate on ag(e)ing, recognizing that the discursivization of a given topic (de)constructs the field of meanings surrounding it. In this sense, ag(e)ing and old age are understood as processes in becoming, crossed and constituted by alterity. The introductory article highlights the importance of addressing this discussion from a multifaceted, transdisciplinary, and critical perspective, one that values the singularities of ag(e)ing, avoids simplifications, and encourages dialogue. The aim is to promote the construction of proximities and distances among different epistemological fields, considering the heterogeneity of Brazilian scientific production, in order to expand the lens through which aging can be understood in contemporary contexts.

KEYWORDS: Ag(e)ing. Old Age. Alterity. Discourses. Transdisciplinarity.

* Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e em Ciências da Linguagem pela Université de Franche-Comté, FR. Professora Associada do Instituto de Letras e Linguística, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: 0000-0002-5156-0150. E-mail: carlatav(AT)ufu.br

** Doutora em Linguística. Professora do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: 0000-0002-5253-7593. E-mail: larissa.mazuchelli(AT)ufu.br

*** Doutor em Linguística. Professor do Departamento de Fonoaudiologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). ORCID: 0000-0001-7120-4527. E-mail: mvb Oliveira(AT)ufba.br

A complexidade do tema do envelhecimento exige uma multiplicidade de olhares. Há, por exemplo, a possibilidade de se pensar os efeitos da Lei do Sexagenário – que isentava os senhores de responsabilidade sobre pessoas escravizadas idosas – na constituição histórica e cultural do envelhecimento no Brasil. Pode-se, ainda, buscar entender o lugar ocupado pela velhice nas comunidades indígenas contemporâneas, sobre o qual pouco sabemos – ao menos se tomarmos como ponto de partida a ciência de herança europeia, já que, em suas cosmovisões, essas comunidades produzem saberes sobre seu envelhecimento. De maneira semelhante, é possível refletir sobre o futuro dos trabalhadores precarizados e destituídos de vínculos empregatícios, com poucas ou raras condições de projetar suas velhices; ou, ainda, sobre questões relacionadas à habitação, à continuidade do desenvolvimento de capacidades criativas e às oportunidades de aprendizagem para pessoas idosas.

Não sem motivo, portanto, enveredar-se pelos caminhos dos sentidos e das singularidades do envelhecimento exige cuidado, para não incorrermos em simplificações, e diálogo, para estabelecermos aproximações e distanciamentos necessários a partir da vasta heterogeneidade da produção científica brasileira. É nesse entremeio que iniciamos esta apresentação: partimos do diálogo entre o posicionamento psicanalítico e axiológico bakhtiniano, que surgem de caminhos históricos e epistemológicos distintos, e constituem, ou atravessam, separadamente, os organizadores deste volume.

A interseção entre esses dois campos de saber, neste artigo em particular, reside na centralidade da alteridade como princípio fundante do sujeito e da linguagem. Nos trabalhos bakhtinianos, a alteridade não é uma instância “externa” à subjetividade, mas condição constitutiva de todo dizer: o sujeito só enuncia a partir de um lugar relacional, em que o outro é condição do dizer e está presente concreta ou virtualmente, como interlocutor. Assim, todo enunciado é essencialmente responsável (e, portanto, responsável), pois carrega marcas das vozes sociais que o precedem, o constituem e que possibilitam sua compreensão ativa (Bakhtin, 2016 [1952-1953]). Por sua vez, no viés psicanalítico, especialmente na tradição freudolacaniana, o sujeito é igualmente atravessado pelo Outro – entendido como a instância simbólica da linguagem – e se constitui como faltante, dividido, desejante, convocado por significantes que o precedem e o estruturam. Em ambos os casos, o sujeito não é dado, mas considerado como um devir atravessado e constituído pela alteridade.

Assim, nosso horizonte permite vislumbrar a importância do olhar alteritário, não autoritário, que reconhece que a pessoa idosa não pode ser reduzida a um objeto sobre o qual se fala, mas em sua condição de sujeito; como princípio de uma alteridade bakhtiniana, deve ser escutada, pois, em sua condição humana irredutível, será sempre uma fonte de dizer e de agir. Nessa perspectiva, o processo de envelhecimento é compreendido sob o prisma da singularidade do existir-evento. Essa é a radicalidade da alteridade no pensamento bakhtiniano, como argumenta Ponzio (2010).

Para a psicanálise, o reconhecimento da alteridade implica admitir que a própria experiência do envelhecimento se inscreve no campo do Outro — o sujeito se percebe velho pelo olhar e pelas palavras do outro, pelos discursos que nomeiam, qualificam e significam o envelhecimento. Nessa perspectiva, a pessoa idosa é uma posição simbólica: ela é subjetivada e interpretada pelas narrativas culturais, pelos significantes que circulam socialmente e que predicam o que é ser velho em cada época e em cada cultura. É nesse espectro discursivo que o sujeito pode se flagrar e, por vezes, se estranhar, e a condição da velhice ser encarada como uma construção simbólica que afeta seu modo de ser, desejar e dizer.

No entanto, apesar do avanço dos estudos sobre envelhecimento, da diversidade teórica e da heterogeneidade da vivência do envelhecer, a violência da objetificação das pessoas idosas ainda é premente; aparece tanto na monologização de suas vozes, como diria Bakhtin, quanto em casos em que são silenciadas, abandonadas, violentadas, deixadas de lado.

Um dos mais recentes e emblemáticos exemplos diz respeito a um idoso, Paulo, levado a uma agência bancária em uma cadeira de rodas por sua sobrinha, Erika Souza Vieira Nunes, que tentava efetivar um empréstimo de dezessete mil reais em nome do tio. Difícil esquecer a cena em que Erika insiste com o idoso, morto por broncoaspiração horas antes, segurando-lhe a cabeça, repetindo reiteradamente que ele assinasse a documentação (Camargo, 2024). O vídeo das câmeras de segurança viralizou nas redes sociais e deu origem a vários memes, que atualizaram a cena (Hutcheon, 1985) com personagens políticos, jogadores de futebol e celebridades. Dizeres chistosos também repercutiram em alusão ao acontecido, tais como “minha internet está igual ao Tio Paulo, vai e volta”.

Em outro contexto, idosos são deixados para trás em situações de conflito, como mostram relatórios de agências internacionais. Na Ucrânia, por exemplo, mulheres idosas são

reconhecidas como “forgotten women” (“mulheres esquecidas”) em reportagens da guerra. É o caso de Halyna Vasylivn, que, em 2022, com 94 anos, se escondia na despensa durante os ataques aéreos, já que os abrigos destinados aos civis estavam longe de seu apartamento. À época, o médico-chefe do único hospital em funcionamento de Lugansk, a leste da Ucrânia, afirmou às jornalistas do The Guardian, “Eu me pergunto por que alguns jovens levam consigo seus gatos e hamsters, mas deixam para trás seus parentes.” (Kariakina; Kassova, 2022).

Além dessas violências que aproximam a experiência de envelhecimento ao horror de como determinados corpos são desumanizados, expulsos, rejeitados e aniquilados por meio de uma lógica de necropolítica, que determina quem pode viver e quem deve morrer (Mbembe, 2016; Foucault, 2005), há casos não menos reveladores de uma estrutura fundada na subjugação de corpos que envelhecem, como o esquema de fraudes e desvios de dinheiro de pensionistas e aposentados do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), revelado neste ano. Até este momento, sabemos que as instituições que prestam serviços a aposentados e pensionistas os cadastravam sem autorização e descontavam valores e mensalidades diretamente na folha de pagamento. Crime possibilitado, entre outros fatores, pela confiança de que esses documentos não seriam escrutinados pelos beneficiários do INSS, muitos dos quais não compartilham de tal prática de letramento.

Contudo, o avanço da ciência, das políticas públicas e de certa comoção social para a violência que milhares de pessoas idosas enfrentam no Brasil e no mundo não têm sido suficientes para que o envelhecimento, a velhice e os modos de existência de idosos e idosas sejam mais bem reconhecidos e acolhidos. Afinal, ainda são temas denegados, esquivados, para os quais se multiplicam eufemismos e estereótipos — mecanismos discursivos que produzem sentidos remetidos à constituição histórico-ideológica. Esse funcionamento discursivo sobre o envelhecimento e a velhice escancara regimes de discurso, institui posicionamentos de sujeito e deflagram relações de poder.

Em relação à denegação, ainda é raro vermos pessoas que encaram os temas acima, seja no bate-papo corriqueiro ou de modo mais formal, como é o caso de artigos na mídia jornalística. Afinal, “Velhos são os outros”, como aparece no título da poética coleção de crônicas de Andrea Pachá (2018). Nessa tirada de uma personagem de 77 anos, evidencia-se a resistência simbólica do sujeito contemporâneo em reconhecer em e para si a condição de

envelhecer, negando-a, mas, ao mesmo tempo, afirmando-a, por admiti-la no outro, seu semelhante. Beauvoir (2018 [1970], p. 10) assinala que: “Antes que se abata sobre nós, a velhice é uma coisa que só concerne aos outros. Assim, pode-se compreender que a sociedade consiga impedir-nos de ver nos velhos nossos semelhantes”. E nos convoca, “Paremos de trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isso é necessário, se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana.” (p. 11) É por isso que urge, ainda hoje, insistir em quebrar esse silêncio.

O que nos leva aos eufemismos — figuras de linguagem que consistem em substituir um termo por outro reputado como mais socialmente aceito ou com uma carga semântica amenizada em relação ao objeto ao qual se refere. Exemplos clássicos desse funcionamento eufêmico para se referir à população idosa são os termos “terceira idade”, “melhor idade”, “idoso com alma de jovem”, ou até termos que buscam ser descriptivos, como “60+”. Essas expressões contribuem para invisibilizar o envelhecimento, além de associar a ele sentidos contraditórios, como nos primeiros casos; e sentidos cronológicos, como os termos descriptivos “60+”. Ambos contribuindo para o adiamento de avanços em políticas públicas que garantam os direitos da população idosa e para o adiamento de um (re)conhecimento do sujeito nesta posição.

Quanto ao estereótipo – etimologicamente formado pelas palavras “estereo” (que significa sólido ou rígido) e “tipo” (que remete à impressão, imagem, forma) –, o termo significa, numa primeira acepção, “uma impressão sólida”, como explicam Carmelino e Possenti (2015). No entanto, continuam os autores, “a partir de 1920, a palavra ganha outro valor. Passa a ser concebida no espaço semântico da representação e da crença coletivas. Evocando esquemas culturais preexistentes, por meio dos quais as pessoas compreendem a realidade, o estereótipo converte-se no centro de interesse das ciências sociais, área na qual a noção se situa, primeiramente, em termos epistemológicos” (Carmelino; Possenti, 2015, p. 418).

Um funcionamento tipicamente estereotipado do discurso sobre o envelhecimento associa pessoas idosas diretamente a adjetivos do campo da fragilidade, debilidade e dependência ou, no outro extremo, a imagens de sabedoria, maturidade e tranquilidade. Como efeito dessa cristalização e naturalização de sentidos sobre esse grupo de pessoas, observa-se

uma homogeneização que apaga a diversidade de experiências e dos modos subjetivos e materiais de viver esse processo. Outro exemplo remete ao eufemismo já mencionado, o da velhice como a “melhor idade”, que força uma positividade exagerada, idealizando o envelhecimento, ignorando a diferença com que esse processo é vivido na dependência de múltiplos fatores, a começar pelo econômico, e silenciando conflitos.

Cabe destacar que para a psicanálise, os mecanismos discursivos discutidos acima são recursos languageiros dos quais o sujeito dispõe para conferir significação a uma etapa do ciclo da vida (Baltes, 1987) – sempre adiada, porque nos coloca diante de um limite que não queremos encarar. Nessa perspectiva, o envelhecimento nos leva a topar várias vezes com figurações do real, aquele registro que nos constitui subjetivamente, mas o qual jamais conseguimos subjugar ao significado. Entretanto, é nas constantes investidas do sujeito no processo de representação que reside uma possibilidade de simbolizar algo desse resto inassimilável. Daí os movimentos e esforços no sentido de designar, ao mesmo tempo, um grupo indiscutivelmente heterogêneo e uma fase da vida que vem ganhando visibilidade: idoso, pessoa idosa, 60+, terceira idade, velho, melhor idade, economia prateada, idoso longevo.

Entretanto, por maiores que sejam as mudanças no cenário social e político que incidem sobre os processos associados ao envelhecimento e à própria possibilidade de envelhecer, é preciso considerar a impossibilidade de envolver todos os integrantes dessa categoria em uma mesma designação sem levar em conta as diferentes velhices que eles experimentam. Afinal, muitas pessoas não chegarão aos 60 anos em decorrência dos efeitos, por exemplo, do racismo, da violência de gênero, do idadismo. A velhice, assim, enquanto categoria arbitrária socialmente produzida (Debert, 1998; Bourdieu, 1983), reflete e refrata realidades que se encontram fora de seus limites. Para Volóchinov (2017 [1929-1930]), cada signo é tecido pelos fios ideológicos que são constitutivos das vozes que se encontram e que estabelecem relações dialógicas entre si, tanto em relação aos discursos que os antecedem quanto àqueles que podem se apresentar no horizonte do futuro. Afinal, “tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele” (Volóchinov, 2017 [1929-1930], p. 91).

Para os estudos bakhtinianos, portanto, essas disputas pela designação-definição fazem parte de um conjunto de mecanismos que contribuem para manter ou transformar relações

políticas dentro de grupos sociais, uma vez que a palavra, signo ideológico por excelência e principal indicador de mudança social, é capaz de registrar as fases transitórias mais ínfimas e efêmeras das mudanças sociais (Volóchinov, 2017). Esse jogo de linguagem opera, portanto, “recortes no todo social, estabelecendo direitos e deveres diferenciais no interior de uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios” (Debert, 1998, p. 12), embora esses recortes não constituam propriedades substanciais.

Além dos mecanismos discursivos de referência e dos modos de designação do envelhecimento, da velhice e de pessoas idosas, é necessário considerar, ainda, os modos de representação desses objetos de discurso, seus efeitos de sentido, éticos e políticos.

No imaginário social, observamos diferentes representações de envelhecimento, velhice e de pessoas idosas que convivem, não sem conflitos. Como já abordamos, persistem representações estereotipadas que associam tanto sentidos do campo da decadência, decrepitude, improdutividade, quanto do campo do afeto, da familiaridade e proteção. Além disso, existem representações que os remetem a planos de ação que “promovam envelhecimento saudável e ativo”, em que a complexidade da velhice pode ser parcialmente traduzida como “empreendedorismo de si” (Dias, 2024).

Na esteira do capitalismo e do neoliberalismo radical (Dardot; Laval, 2016), a pessoa idosa começa a ser valorizada pelo potencial de consumo que representa no mercado – seja porque o número de lares sustentados com as parcias aposentadorias aumenta a cada dia, seja porque mais pessoas idosas acedem à velhice com melhores condições de saúde e de tempo e, portanto, são potenciais consumidores. Para tanto, precisam subjugar-se aos discursos de bem cuidado do corpo e de seus bens, para que experimentem o tão propagado “bem envelhecer”.

Entretanto, o dito “envelhecimento ativo” e o “bem envelhecer” seriam franqueados a todos? Ativo poderia ser um adjetivo empregado para todo e qualquer tipo de atividade produtiva, ainda que sucateada, desvalorizada ou exaustiva, como o caso de pessoas idosas que exercem trabalhos informais mal pagos (os tais “bicos”), ou se ocupam de cuidar dos netos para que os pais possam trabalhar? Quem pode, afinal, envelhecer? Seria envelhecer um direito e desejo ainda não plenamente democratizados ou apenas o ‘destino inevitável a que estaríamos todos fadados’?

Beauvoir (2018 [1970]), em seu clássico ensaio, já afirmava que a velhice escancara o abismo entre uma maioria de idosos submetida à exploração por uma minoria privilegiada, evidenciando a centralidade da luta de classes. Outras desigualdades (de gênero, raça, gerações etc.) têm sido agudizadas na contemporaneidade, pela via do desmonte de políticas públicas, da precarização, filantropicalização ou privatização, numa leitura individualizadora dos direitos sociais. Entra em cena uma pseudovalorização da pessoa idosa que tem alguma renda, mesmo que mínima (como os aposentados, ou que recebem pensão ou benefícios assistenciais), alienada de seu papel consumidor para mercados cada vez mais vorazes (Teixeira, 2017).

Assim, além da questão designativa, o enfrentamento da violência simbólica e material sofrida por pessoas idosas e a objetificação da velhice, dentre outros vários problemas, reafirmam a complexidade do tema e a urgência em insistir por falar sobre ele. Quebrar a conspiração de silêncio sobre o tema, caracterizado como “vergonhoso” e “indecente” por Beauvoir (2018 [1970]), nos possibilita desvendar complexidades de velhices singulares, marcadas pelas contradições de nossos espaços-tempo. Lacan (1985 [1972-73], p. 45) afirma que “cada realidade se funda e se define por um discurso”. Derrida (1973), por sua vez, propõe que não há nada fora do texto, a não ser o trabalho da interpretação. Já Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 61) afirma que qualquer enunciado é, por princípio, dialógico, uma vez que “está voltado não só para o seu objeto, mas também para os discursos do outro sobre ele”.

Considerando que para esses autores a discursivização de um determinado objeto discursivo (des)constrói o campo de sentidos sobre ele, esta seção temática tem por objetivo ampliar a discussão do tema em diversas esferas da atividade humana, a partir dos desafios e das possibilidades do envelhecer na contemporaneidade, como vimos apontando ao longo do texto. Afinal, como propõe Mucida (2006, p. 16) para os estudos da psicanálise:

Falar de velhice desacomoda, exigindo certa acomodação dos traços e dos restos advindos pelas perdas, pelas mudanças da imagem e na relação com o Outro. A velhice exige novas transcrições e traduções. Ela desacomoda muitos “restos” deixados em qualquer canto à espera de um tratamento possível; desacomoda a procrastinação, desacomoda os futuros não cumpridos – mas que gostaríamos de realizar -, desacomoda a ideia de imutabilidade ou de permanência, desacomoda os ideais e as certezas nas quais todo sujeito busca se alojar. A velhice desacomoda, incomoda, principalmente nesse mundo permeado de máscaras do novo.

Segundo, então, o trilho da necessidade de colocar a palavra em circulação, a fim de problematizar e compreender as significações da experiência de envelhecer, esta apresentação convida o leitor a ampliar a lente pela qual questões relacionadas ao tema podem ser consideradas por meio das diferentes propostas que compõem este número.

Os primeiros trabalhos que compõem esta seção temática abordam questões relativas a propostas pedagógicas voltadas para pessoas idosas. Moraes-Caruzzo e Kaneko-Marques, no artigo **“Ensino-aprendizagem on-line de inglês para/na terceira idade: experiências virtuais de (re)conhecimento”**, apresentam os resultados de uma pesquisa-ação realizada em um curso de inglês on-line voltado especificamente para pessoas idosas, durante a pandemia. Em especial, discutem como princípios teórico-metodológicos da Linguística Aplicada, juntamente com questões relativas a aspectos humanos e técnicos, contribuíram para a adaptação das ações pedagógicas ao ambiente virtual, de modo a acolher os alunos, garantir sua permanência no processo de ensino-aprendizagem de inglês e, assim, permitir-lhes ressignificar a aprendizagem de modo a desenvolverem habilidades e algumas competências digitais.

Sob perspectiva semelhante, **“Reflexos de experiências docentes na terceira idade: narrativas em telecolaboração”** apresenta o resultado de uma pesquisa sobre práticas telecolaborativas entre professoras aposentadas, aprendizes de língua inglesa, e alunos estrangeiros. Oliveira e Messias se valem dos estudos de experiência, narrativa e telecolaboração para analisar relatos orais das participantes da pesquisa. A revisitação da memória laboral durante práticas de Teletandem em um curso de inglês e espanhol promoveu discussões intergeracionais e contribuiu para a (auto)valorização das professoras aposentadas, evidenciando que práticas pedagógicas que promovem interações entre gerações e culturas, oportunizam espaços para a recontação de memórias e se valem de recursos tecnológicos que contribuem para a redução do preconceito e da discriminação em relação ao idadismo.

O terceiro artigo, **“Idadismo e educação: reflexões de uma (trans)formação dialógica”**, também aborda o campo da educação, mas sob a perspectiva dos estudos críticos sobre envelhecimento e histórico-culturais. Mazuchelli, Chaves e Oliveira discutem saídas teóricas e metodológicas para o binarismo biológico e cultural reducionista que sustenta processos idadistas sob os quais a velhice e o envelhecimento são normalmente concebidos. Para tanto, analisam, sob a perspectiva do dialogismo e da noção vigotskiana de *perejivanie*, cenas de

encontros focais entre o professor-pesquisador e as alunas de um curso de alfabetização para pessoas com doenças crônicas, nos quais temas relacionados ao processo de envelhecimento, aos direitos da população idosa e à relação entre educação, envelhecimento e idadismo foram tratados. Enquanto as vozes das alunas negras idosas reverberam a valorização atribuída à independência associada à alfabetização, a experiência de (trans)formação do professor-pesquisador e dos autores, ao refletirem sobre o processo, destaca a complexidade do envelhecimento em contexto educacional e a relevância de uma práxis educacional crítica, engajada, ética e intergeracionalmente solidária.

O encontro da metodologia qualitativa com um grupo de pessoas idosas também se apresenta no artigo de Acco, intitulado **“Experiências socioculturais simbólicas: gerando memórias e tecendo histórias da infância à velhice”**. Por meio de relatos singulares, a autora discute sobre as memórias de objetos artístico-literários que compõem o repertório cultural das participantes, observando as associações estabelecidas entre essas experiências socioculturais e as obras recordadas. O artigo também destaca o potencial das atividades de extensão, nas quais experiências compartilhadas vão além dos aspectos técnicos da aprendizagem, pois na relação indissociável entre memória e identidade, mobilizam o passado para a construção contínua de referenciais compartilhados que permitem vislumbrar o futuro.

As ações de extensão também são objeto de análise no artigo **“Metamorfose no Envelhecimento: O desabrochar de outros modos de ser/estar velho”**, que tem como objetivo discutir efeitos de experiências estéticas na constituição subjetiva de uma participante idosa. Tendo como aporte teórico pressupostos psicanalíticos, referenciados por autores como Lacan, assim como pela Análise Psicanalítica do Discurso de Dunker, Paulon e Millán-Ramos, os autores – Tavares, Menezes e Souza – refletem sobre os deslocamentos provocados pela estética artística, de cunho poético e musical, que orientaram as atividades de extensão realizadas. A partir dessa reflexão, foi possível vislumbrar espaços de reelaboração subjetiva que interpelam sobre as identificações cristalizadas sobre a velhice.

No artigo **“O corpo que envelhece: reflexões sobre o envelhecimento e as imposições na contemporaneidade”**, Mendes, Naves e Silva trazem à tona os efeitos psíquicos do descompasso entre o corpo que envelhece e o ideal normativo de juventude perpetuado socialmente. Também à luz da psicanálise, as autoras problematizam o luto do corpo jovem

como um processo necessário para uma velhice emocionalmente mais saudável, chamando atenção para o sofrimento gerado pela negação simbólica da velhice e pela hegemonia estética que molda a autoimagem.

Valorizando as experiências singulares no envelhecer, também sob viés psicanalítico, o artigo **“Para além do tempo: a potência da clínica psicanalítica com idosos”**, de Vitalli e Menezes, discute as contribuições da clínica psicanalítica no tratamento de pessoas idosas, com base na literatura científica contemporânea. Para as autoras, a psicanálise tem um papel importante no enfrentamento ao idadismo/etarismo, constituindo-se como espaço de escuta que reconhece a subjetividade das pessoas idosas e amplia as perspectivas sobre o sofrimento psíquico na velhice.

O sofrimento enfrentado por inúmeros idosos em seus processos de envelhecimento encontra eco nos estudos de Braga e Luz, no artigo **“Mosaicos da velhice: dispositivos de controle do envelhecimento”**, ao analisarem, com base em Foucault e Latour, os mecanismos de biopoder e governamentalidade que disciplinam corpos envelhecidos. Os autores denunciam o modo como discursos jurídico-morais, a mídia e as redes sociais se entrelaçam para sustentar um controle que associa velhice à obsolescência, à fragilidade e à necessidade de contenção de direitos, o que revela uma racionalidade política de exclusão baseada na idade.

Sob uma perspectiva convergente, Figueira e Alves, no artigo **“Envelhecimento, virilidade e aptidão para governar: faces do etarismo nas eleições presidenciais norte-americanas”**, exploram como o etarismo opera de forma sutil nos discursos político-midiáticos, especialmente no contexto das eleições presidenciais nos EUA. Ao analisarem a associação entre virilidade e capacidade de liderança, os autores mostram como o rótulo de “velho” é mobilizado para desqualificar politicamente indivíduos que não performam uma masculinidade agressiva, reafirmando que a velhice, especialmente masculina, somente é validada quando alinhada a modelos hegemônicos de poder.

Seguindo a temática, o trabalho **“To age is a sin’: imaginários sociodiscursivos sobre o envelhecimento de Madonna em matérias jornalísticas”**, Vieira Filho e Procópio discutem a interseção dos marcadores sociais de idade e gênero e como eles interagem na discursivização de corpos de mulheres ocidentais. A partir do enunciado proferido por Madonna, “To age is a sin” (“envelhecer é um pecado”), os autores analisam representações de envelhecimento,

idade e aparência relacionadas à cantora em matérias jornalísticas brasileiras, problematizando os imaginários sociodiscursivos que perpetuam preconceitos e sentidos depreciativos sobre o envelhecimento de mulheres.

A questão de gênero, por sua vez, é central no artigo **"O novo feminino na velhice e no enfrentamento da dominação masculina"**, de Leão. A autora destaca como mulheres idosas enfrentam a continuidade da dominação masculina mesmo após o fim da juventude. A pesquisa empírica revela que os rótulos patriarcais apenas se transformam, não desaparecem: o controle simbólico sobre os corpos femininos persiste sob novas formas de violência moral. Ainda assim, o texto sugere que as mulheres apresentam maior capacidade de ressignificação identitária na velhice, o que pode abrir caminhos de resistência e reinvenção subjetiva.

Já Alves, em **"Velhos dilemas, novas representações: considerações sobre o envelhecimento feminino e sua presença na literatura brasileira contemporânea"**, investiga a representação da velhice feminina na literatura brasileira contemporânea a partir das discussões foucaultianas. Ao analisar as narrativas literárias, a autora observa como a literatura pode operar enquanto espaço de denúncia e deslocamento dos discursos normativos sobre o corpo e o envelhecimento feminino, contribuindo para a desconstrução da gerontofobia e das binariedades estéticas que marginalizam a velhice.

A partir da perspectiva interseccional, o artigo de Catrini e Vale propõe uma reflexão sobre as relações entre envelhecimento e deficiência, considerando que o avanço do envelhecimento populacional implica no aumento de pessoas idosas que vivem com deficiências. Intitulado **"Considerações sobre o envelhecimento na perspectiva da intersecção com a deficiência"**, o artigo problematiza visões estigmatizantes que associam velhice à doença ou à incapacidade e, ao mesmo tempo, não se furtam a pensar nos desafios e na complexidade dos percursos de envelhecimento que, embora singulares, enfrentam uma dupla estigmatização: a da velhice e da deficiência.

Por fim, Pingoello, Almeida e Oliveira, em **"Habitações dignas: condomínios residenciais para as pessoas idosas"**, promovem reflexões sobre as construções de condomínios residenciais e as contribuições do Projeto de Extensão Aurora, voltado a seus residentes. Os autores mostram como a criação desses condomínios tem sido exitosa no Paraná, não apenas

por oferecer habitações dignas, mas por funcionarem como espaços que favorecem o desenvolvimento de conhecimentos voltados à manutenção da qualidade de vida na velhice.

Em conjunto, os artigos que integram esta edição, sustentados por distintas perspectivas teóricas e metodológicas, mostram como o envelhecimento é atravessado por complexas relações de poder. A velhice, longe de ser um simples fenômeno, constitui-se como um campo de disputas simbólicas e materiais, em que resistir às normatividades é um ato político. O desafio contemporâneo, portanto, está em inventar novos modos de significar e materializar o envelhecer, de forma a acolher sua diversidade e complexidade, reconhecendo-o não como um fim, mas como um processo pleno de significados e singularidades possíveis.

Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In: BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso.* Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-1953]. p. 11-69.
- BALTES, P. Theoretical Propositions of Life-Span Developmental Psychology: On the Dynamics between Growth and Decline. **Developmental Psychology**, v. 23, p. 611-626, 1987. Disponível em <https://psycnet.apa.org/record/1988-01055-001>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- BEAUVOIR, S. **A velhice.** Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018 [1970].
- BOURDIEU, P. A 'juventude' é apenas uma palavra. *In: BOURDIEU, P. Questões de Sociologia.* Tradução de Miguel Serras Pereira. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CARMELINO, A. C.; POSSENTI, S. O que dizem do Brasil as piadas? **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v. 15, n. 3, p. 415-430, set./dez. 2015. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-150305-2215>
- CAMARGO, B. Caso "Tio Paulo": sobrinha tentou comprar celular e fazer outros empréstimos. **CNN Brasil**, 18 abr. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/caso-tio-paulo-sobrinha-tentou-comprar-celular-e-fazer-outros-emprestimos/>. Acesso em 08 jul. 2025.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEBERT, G. G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. *In: DEBERT, G. G. (Org.). Antropologia e velhice.* Rio de Janeiro: Textos Didáticos, 1998.
- DERRIDA, J. **Gramatologia.** Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DIAS, C. Longeviver e mercado: considerações sobre o velho empreendedor de si. *Rev. Longeviver*, ano VI, n. 23, p. 26-36, 2024.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HUTCHEON, L. **A theory of parody**: The Teachings of Twentieth-Century Art Forms. New York: Methuen & Co, 1985.

KARIAKINA, A.; KASSOVA, L. Alone under siege: how older women are being left behind in Ukraine. *The Guardian*, Kiev, 16 maio 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2022/may/16/alone-under-siege-how-older-women-are-being-left-behind-in-ukraine>. Acesso em: 08 jul. 2025.

LACAN, J. **O seminário**: livro 20 – Mais, ainda. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. 160p.

MBEMBE, A. Necropolítica. Tradução de Renata Santini. *Artes & Ensaios*, v. 32, p. 122-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169> Acesso em: 08 jul. 2025.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PACHÁ, A. **Velhos são os outros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

PONZIO, A. **A Revolução Bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Tradução de Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto. 2009.

TEIXEIRA, S. M. Envelhecimento do trabalhador na sociedade capitalista. In: TEIXEIRA, S.M. (org.). **Envelhecimento na sociabilidade do capital**. Campinas: Papel Social, 2017. p. 31-51.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929-1930].

Recebido em: 03.09.2025

Aprovado em: 24.11.2025